

Mundo



ATAQUE A EMBAXADA

México denuncia Equador em Haia

Ação apresentada incui pedido de expulsão do Estado equatoriano da ONU



PÁG. 18

'SEIS MESES DEBAIXO DA TERRA'

Destino dos reféns põe em xeque negociações de cessar-fogo com Hamas e governo de Netanyahu



Múltiplas frentes. Pais, amigos e apoiadores dos reféns protestam diante do Parlamento de Israel em Jerusalém. Netanyahu busca equilibrar-se entre pressão das ruas e ala radical de seu Gabinete, que é contra concessões ao Hamas

RENATO VASCONCELOS
medi@redesociais.globo.com.br
ilustração

Ocultados pelo campo de batalha que a Faixa de Gaza se tornou há seis meses, os reféns capturados pelo Hamas durante o ataque de 7 de outubro se tornaram o principal obstáculo para que um cessar-fogo seja alcançado, em meio a dúvidas sobre o destino de cada um. À medida que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu tenta equilibrar pressões da sociedade civil pelo retorno dos reféns e cobranças de alas de seu Gabinete sobre a negociação, o desgaste ficou ainda maior com a declaração do grupo palestino de que não teria condições de reunir cerca de 40 prisioneiros para serem incluídos em uma troca.

Fontes diplomáticas afirmaram que o lado palestino informou a mediadores, incluindo Catar e Egito, que não teria em sua posse 42 cativos vivos que atendam ao perfil estabelecido na proposta de cessar-fogo desenhada por Washington, que estava em discussão ontem, segundo duas pessoas ouvidas pela CNN. A proposta dos EUA sinaliza a troca de cerca de 40 reféns (todas as mulheres, idosos e homens doentes) por centenas de prisioneiros palestinos em prisões de Israel. Prevê também a entrada diária de até 500 caminhões de ajuda alimentar e o retorno dos deslocados pela guerra às suas casas no norte de Gaza.

DÚVIDAS SOBRE PARADEIRO

Embora o Hamas tivesse dito estar "analisando a proposta", numa declaração que a Casa Branca tachou de "não muito encorajadora", o retrocesso parece ainda maior após a informação de que talvez o grupo terrorista não esteja em posse de todos os reféns — ou de que



Desespero de mãe. Ruty Strum teve dois filhos sequestrados em seu kibutz

um número maior de pessoas esteja sem vida. Oficialmente, Israel confirma que 34 dos 136 reféns estão mortos, mas uma estimativa extraoficial aponta que o número pode chegar à metade do total.

O destino dos reféns é um fator que ganha peso no complexo jogo político travado em Israel à medida que o tempo passa. Com seis meses de cativeiro e sem novas informações sobre a maioria dos reféns, acordos para libertação de parte dos reféns, em novembro, fontes médicas afirmam que todos já sofreriam de algum tipo de seqüela ou condição ligada ao tempo de sequestro, mesmo que não tivessem nenhuma condição prévia à captura.

—A situação é muito grave. Não sabemos exatamente quantas pessoas estão vivas, mas pelo menos 80 ou 90 estão com enfermidades — disse a ex-diplomata israelense Revital Poleg, voluntária na Bring Them Home, organização que vem auxiliando as famílias das vítimas e tenta man-

ter o tema em evidência. — Há seis meses eles estão debaixo da terra. Não sabemos se a 20, 40 ou 60 metros de profundidade. Sem sol, sem ar livre e com comida limitada.

Fontes médicas indicam que todos os reféns já estariam com alguma seqüela de higiene, há pessoas com doenças prévias que não estão tendo acesso a medicamentos de uso diário — disse o médico Avi Weissman, vice-diretor do Hospital Rambam, em Haifa.

— Também estamos extremamente preocupados com questões de saúde mental, com a falta de acesso à luz solar com possível repercussão na vitamina D, fome e desnutrição, além dos relatos de violência sexual.

Em visita da reportagem do GLOBO à sede da organização em Tel Aviv, em março, a coordenação do movimento citou a informação dos médicos sobre como a privação de uma rotina normal teria afetado a saúde de todos os reféns. O dado foi mencionado no contexto de justificar a urgência para o resgate dos cativos.

— Há uma série de condições de saúde relacionadas a ficar tanto tempo em uma situação como a que estão sujeitos. Mesmo sem considerar possíveis infecções e as condições



"A situação é muito grave. Não sabemos exatamente quantas pessoas estão vivas, mas pelo menos 80 ou 90 estão com enfermidades"

Revital Poleg, voluntária na Bring Them Home, organização de auxílio às famílias dos reféns

"Temos que pagar o preço que for, não importa quanto, para trazê-los todos de volta"

Ruty Strum, mãe de dois reféns

de higiene, há pessoas com doenças prévias que não estão tendo acesso a medicamentos de uso diário — disse o médico Avi Weissman, vice-diretor do Hospital Rambam, em Haifa.

— Também estamos extremamente preocupados com questões de saúde mental, com a falta de acesso à luz solar com possível repercussão na vitamina D, fome e desnutrição, além dos relatos de violência sexual.

NETANYAHU VIROU ALVO O passar dos meses fez com que famílias de reféns, que inicialmente aderiram apenas aos atos em prol da libertação de seus entes queridos, passassem à militância contra o governo Netanyahu. Quando a guerra completou 6 meses, no último domingo, familiares com camisetas da organização apertadista compareceram a protestos antigoverno, que pediam eleições antecipadas e a saída de Netanyahu.

— Mesmo quem tem um posicionamento mais neutro poli-

ticamente encampa a pressão pela volta dos reféns a qualquer custo. Ruty Strum, mãe de Eitan e Iair Horn, capturados pelo Hamas durante a invasão do kibutz Nir Oz, disse acreditar que o governo leva em conta o agravamento dos quadros de saúde dos civis no momento de negociar. Na opinião dela, já chegou a hora de aceitar os termos que forem para que retornem para casa.

— Temos que pagar o preço que for, não importa quanto, para trazê-los todos de volta — disse Ruty ao GLOBO. — Eu acredito que o governo tem que aceitar a condição que for e trazer todos. Depois pensamos em como as coisas vão ficar. Por ora, temos que trazê-los para casa.

Mas não é só a pressão social que confronta o premier. Ante o clamor pela libertação dos reféns, Netanyahu tenta uma difícil conciliação com a ala mais radical de extrema-direita de seu governo, liderada pelos ministros Itamar Ben-Gvir e Bezalel Smotrich, que defendem uma postura linha-dura e de não negociação com o Hamas. Os dois ministros ameaçaram sair do governo caso Israel ceda ao grupo palestino, o que derrubaria o Gabinete Chefiado pelo Likud.

Mas mesmo setores não vinculados ao lado mais extremista questionam a proposta em discussão, apontando que aceitar uma devolução segmentada dos reféns criaria um cenário difícil para Israel, com uma próxima fase de negociações, incluindo homens e militares, com termos impossíveis de alcançar. Segundo fontes consultadas pelo jornal israelense Haaretz, estes integrantes do Gabinete do guerra não ameaçam virar as costas para Netanyahu neste momento.

A futura do premier começa a aumentar também no exteri-

or. O presidente Joe Biden, dos EUA, país que é o maior aliado histórico de Israel, fez críticas frontais a Netanyahu em entrevista à TV Univision, afirmando que ele cometeu um erro na forma como lidou com os ataques. Ainda nos primeiros dias de guerra, Biden já havia dito ao premier para não repetir os erros americanos nas guerras contra o terror. O presidente também disse que o ataque a um comboio humanitário, na semana passada, foi "ultrajante".

SÓ DOIS RESGATADOS

A incapacidade da pressão militar em resgatar reféns — só dois foram recuperados com vida em operações diretas, mas é difícil precisar o quanto as ações foram importantes para fazer o Hamas concordar com a primeira troca de prisioneiros em novembro — também motivou críticas na opinião pública ocidental. Em artigo recente no New York Times, o colunista Bret Stephens criticou frontalmente os resultados militares alcançados por Israel, no texto "Netanyahu precisa sair".

"Onde se encontra Israel após seis meses de guerra? Não está em uma boa posição. Netanyahu e os seus generais continuam a insistir (...) que a vitória em Gaza está próxima, ao mesmo tempo que fornecem contagens de combatentes do Hamas mortos. Mas o Hamas não está derrotado, e os soldados israelenses foram forçados a recapturar os meses locais — como o Hospital al Shifa, na Cidade de Gaza — que deveriam ter sido limpos de terroristas meses atrás. Apenas um punhado de reféns foi resgatado e muitos dos que permanecem são considerados mortos", escreveu.

Com New York Times e AFP